

# Revolução informacional, internet e cultura hacker

Sérgio Amadeu da Silveira\*

A internet é a maior expressão da comunicação em rede. Ela foi criada a partir de um projeto militar no final dos anos 1950 e foi reconfigurada nos anos seguintes pelos acadêmicos, pelos hackers e por seus usuários. Antes de mais nada, é preciso esclarecer que o termo hacker não é sinônimo de criminoso que invade computadores. A expressão surgiu para caracterizar pessoas que tinham grande prazer e habilidade em escrever linhas de códigos para programas de computador. Nos anos de 1960 e 1970, os hackers se tornaram uma comunidade muito influenciada pela contracultura norte-americana. Acabaram criando uma cultura que se baseia na liberdade para enfrentar desafios e para compartilhar com todos os resultados de seu trabalho. Exatamente essas ideias de colaboração e de liberdade é que geraram uma reação das grandes corporações que queriam se apropriar privadamente do conhecimento – um bem que era e deveria ser coletivo e público. Com o tempo, essas corporações passaram a usar suas gordas verbas de publicidade para que a imprensa confundisse o termo hacker como sinônimo de criminosos da informática. Mas o termo está em disputa até hoje. Para falar daqueles que invadem computadores e roubam dados a palavra adequada é cracker.

O sociólogo Manuel Castells, um dos maiores estudiosos da sociedade informacional, diz que “a Internet nasceu da improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da

Corporações passaram a usar suas gordas verbas de publicidade para que a imprensa confundisse o termo hacker como sinônimo de criminosos da informática.

cultura libertária”. A internet não é uma única rede. Trata-se de uma rede de redes. Ela não possui donos, nem sede, foi e é desenvolvida colaborativamente. Seus protocolos de comunicação garantem a liberdade dos fluxos de informação. Ela não tem centro, e por isso chamamos a internet de rede de comunicação distribuída. Nela, ninguém tem condições de controlar o que o outro irá publicar, pois não é necessário nenhuma autorização para criar um site, um blog ou um novo formato e até uma nova tecnologia. Na internet, como bem apontou o professor Lawrence Lessig, prevalece a cultura da liberdade e não a cultura da permissão.

A comunicação que realizamos na internet é bem diferente da que existia no mundo do *mass media*. O pesquisador Yochai Benkler esclarece que a internet reduziu muito os custos para se tornar um falante, para expressarmos nossas opiniões e divulgarmos nossos conteúdos. A luta pela democratização da comunicação no mundo industrial passava por conseguir espaços para poder falar. A internet reduziu esses bloqueios. Na rede, agora, o difícil não é falar, publicar ou escrever, mas ser ouvido, lido e visto. Vivemos uma outra economia da informação, onde a dificuldade está na obtenção de atenção.



O jornalista Sérgio Amadeu

Na internet não se coloca a idéia de emissor e receptor do mundo do *broadcasting*. Como escreveu Alex Primo, na comunicação mediada por computador somos todos interagentes. A rede está revolucionando a comunicação.

As tecnologias de comunicação e informação estão penetrando no cotidiano das nossas sociedades e permitindo que grupos isolados possam se integrar em uma cibercultura; que indivíduos ganhem mais força, e que um único blog possa enfrentar e desmentir poderosos grupos de comunicação. A liberdade construída na rede vem de sua arquitetura e de seus protocolos

Querem transformar quem usa as redes P2P (peer-to-peer) para compartilhar suas músicas e vídeos preferidos em pessoas pertencentes às “novas classes perigosas”.



Foto: Cristiano Sant'Anna/Indicefoto.com



tecnológicos, criados a sob forte influência da cultura libertária dos hackers. Essa liberdade de criação de conteúdos, formatos e tecnologias, sem necessidade de autorização de nenhuma hierarquia estatal ou empresarial, é que faz a rede ser o grande ambiente de invenção, inovação e um grande espaço de ampliação da diversidade cultural. Por isso, é preciso observar que a rede é uma obra inacabada, pois é uma obra coletiva e aberta que está à espera da próxima inovação. Até 1989 não existia a web, o modo gráfico da internet. Tim Berners-Lee foi o principal criador do protocolo “http”, que viabilizou o desenvolvimento de softwares de navegação capazes de disponibilizar imagens e hipertextos, os chamados browsers. Sua criação foi compartilhada e utilizada por todos. Tim Berners-lee seguia a lógica hacker. Ele não pensou em patentear a web. Com seu ato generoso, Tim combateu a lógica proprietária da micro\$oft. Ele pensou em garantir o uso mais amplo do conhecimento tecnológico.

A lógica da colaboração é a lógica da internet. A maioria das pessoas quer participar, quer poder criar e recombina as criações. Essa é a essência da cibercultura. O criador do termo ciberespaço, autor da obra de ficção mais representativa do ambiente de redes, chamada *Neuromancer* – inspiradora de várias áreas das ciências e do filme *Matriz* – disse que “a cibercultura é remix”. O professor André Lemos lembra que a cultura das redes digitais está reunificando as artes e a tecnologia, que viviam separadas desde o Renascimento. Outra coisa fundamental é perceber que a internet permite que todos os grupos sociais possam portar os seus conteúdos para o mundo digital. Nele, os conteúdos estão livres de seus suportes: a música está liberta do vinil, a imagem liberta da película e o texto foi definitivamente liberado do suporte de papel.

Essa imensa liberdade da rede e as possibilidades de recombina os conteúdos e fundir texto, som e imagem tornou obsoleta as indústrias de intermediação, ou seja, a

velha indústria cultural. Entretanto, os intermediários reagem de modo truculento. Ao contrário de buscar novos modos de produção e distribuição dos bens culturais, tentam controlar a rede e criminalizar práticas cotidianas de milhões de pessoas. Querem transformar quem usa as redes P2P (peer-to-peer) para compartilhar suas músicas e vídeos preferidos em pessoas pertencentes às “novas classes perigosas”. Todavia, o compartilhamento é a alma da comunicação em rede. O bem imaterial que trocamos nas redes não desgasta o original, pode ser copiado sem as limitações da escassez típicas de qualquer matéria. Na rede, a propriedade de algo é bem menos importante do que o relacionamento.

O Brasil é um país importante no mundo das redes. Somos mais de 60 milhões de internautas. Temos uma cultura tradicionalmente recombina nte. Somos a fusão de

# LIBERDADE

## Contra o controle e a vigilância na internet



Ato contra o Projeto de Lei conhecido como "AI-5 digital", que pretende instituir a vigilância sobre a internet

muitos povos e, por isso, nos damos tão bem na internet. Somos as pessoas do mundo que mais navegam na rede em horas/mês. Mais de 60% dos usuários do Orkut, site de relacionamento também denominado de rede social, são brasileiros. O Brasil também tem participação expressiva em MySpace, Facebook e Twitter. Nossa blogosfera é crescente e somos conhecidos no planeta como o país do software livre. Sabemos que a riqueza está na rede e a rede é fundamental porque une e articula, porque amplia nosso relacionamento, nossas possibilidades de acessar informação e transformá-la em conhecimento.

Assim, não devemos dar ouvidos ao Ministro das Comunicações Hélio Costa, que pediu para as crianças largarem o computador para voltar a ver televisão. Devemos aumentar nossa inserção na rede mundial de computadores. Precisamos baratear o custo da banda larga, pois do contrário aprofundaremos as assimetrias em nosso país, já que para alguns brasileiros ver vídeos na rede será possível e para os que têm conexão discada, não. Precisamos financiar as *lan houses* para que jovens possam viver como pequenos

empresários da informação. Também precisamos aumentar o número de telecentros gratuitos nas áreas mais carentes. Queremos e podemos formar nuvens digitais de conexão nas cidades onde possamos usar nossos computadores para acessar via *wireless* (sem fio) a internet. Enfim, precisamos assumir o ciberespaço, aumentar a nossa presença cultural na internet, pois a riqueza nas redes está em sua capacidade de compartilhar e ampliar o conhecimento. ❶

---

\* **SÉRGIO AMADEU DA SILVEIRA** é professor de Comunicação e Tecnologia da Fundação Cásper Líbero e ativista do software livre.

Nossa blogosfera é crescente e somos conhecidos no planeta como o país do software livre. Sabemos que a riqueza está na rede e a rede é fundamental porque une e articula, porque amplia nosso relacionamento, nossas possibilidades de acessar informação e transformá-la em conhecimento.

